



## Televisão como espaço material de convergência<sup>1</sup>

Elizabeth Bastos Duarte<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS

### Resumo

O presente trabalho, preocupado com as questões referentes à convergência midiática, centra-se no exame do relacionamento da produção televisual com outras plataformas midiáticas, via transposição/apropriação da internet, entre outras mídias/plataformas, tendo como propósito verificar como ocorre, no processo de realização do programa, essa negociação interna, de caráter discursivo, entre a gramática de produção televisual e a de outras mídias e/ou plataformas. Toma como referência para suas reflexões o seriado **On line**.

### Palavras-chave

textos televisuais; convergência midiática; plataformas.

### 1 Considerações iniciais

Em maio de 2010, a RBS TV colocou no ar um seriado, **On line**, que, pelas características adotadas - temática, estratégias discursivas, mecanismos expressivos, entre outras - é um caso exemplar das questões que atualmente norteiam as investigações desenvolvidas pela autora sobre a convergência midiática, ou seja, a recorrência estratégica a múltiplas plataformas como forma de expressão dos textos televisuais.

A preocupação em analisar em suas especificidades a produção ficcional realizada por uma emissora de televisão regional, a Rede Brasil Sul de Televisão (RBS TV), afiliada da Rede Globo de Televisão (RGT), explica, por outro lado, a escolha do programa como referência desta reflexão.

Assim, o presente trabalho centra-se no exame do relacionamento desse produto televisual com outras plataformas midiáticas, via transposição/apropriação da internet, entre outras mídias, tendo como propósito verificar como ocorre, no processo de

---

<sup>1</sup> Exemplo: Trabalho apresentado no GP Ficção seriada, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom.

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Pesquisadora com Bolsa de Produtividade 1C do CNPq.



realização do programa, essa negociação interna, de caráter discursivo, entre a gramática de produção televisual e a de outras mídias e/ou plataformas.

Os objetivos desta análise definem, de antemão, o espaço de desenvolvimento da análise aqui proposta - a instância de discursivização, onde se dão as escolhas estratégicas operadas pela enunciação quanto ao modo de *contar* a narrativa, envolvendo estratégias discursivas de temporalização, espacialização, figurativização, actorialização, tonalização, que, evidentemente, levam em consideração o tipo de processo comunicativo e os enquadramentos de gênero em que o texto se inscreve; as mídias/plataformas e linguagens/estratégias que convoca para sua expressão, que hoje podem ir além daquelas tradicionalmente empregados pela televisão, recorrendo também às advindas das novas tecnologias.

Cabe ainda lembrar que um programa produzido pela RBS TV passa a fazer parte de uma grade de programação mais ampla, o que obriga a passar por um processo de unificação das diferenças com outros programas e a submetê-los a um denominador comum, capaz de permitir sua integração à programação da emissora, que é predominantemente ocupada pela produção da RGT: isso quer dizer acompanhar as inovações e experimentações em curso na rede mãe.

Tais questões serão analisadas na perspectiva de uma semiótica discursiva direcionada à investigação da produção midiática televisiva, em que se insere a pesquisadora, representada, entre outros, por autores como François Jost, Paolo Fabbri, Jacques Fontanille, Omar Calabrese, Patrick Charaudeau, Eliseo Verón, tendo como apoio os quatro episódios do seriado **On line**, produzido pela RBS TV em 2010.

## **2 Sobre o seriado On line**



**On line**<sup>3</sup>, seriado, tem características de um sitcom, produzido pelo Núcleo de Especiais da RBS TV, estreou em 15.05.2010, sendo exibido durante os quatro sábados subsequentes, depois do Jornal do almoço, às 12h20min. O programa - cujo tema central, como o próprio nome aponta, é o interesse geral pela internet, tanto por parte dos adolescentes, como de seus pais, avós, tios, namorados, todos cada vez mais conectados, interligados, plugados na rede mundial - questiona-se sobre a interferência da internet nas relações familiares e afetivas e sobre a decorrente reestruturação dessas relações operada pelo universo virtual. Trata-se de uma série jovem, descolada, que, segundo a RBS TV, destina-se a toda família.

Com quatro episódios, tem como protagonista principal a jovem Bianca (ou Bih na web), com 14 anos. A série é, em síntese, um retrato divertido de uma geração que troca emails antes de telefonar e que se expõe e se esconde atrás de um monitor, dos pré-adolescentes que cresceram em meio à tecnologia, que trocam o telefone pelo MSN, que perguntam ao google antes de consultar os pais, que se expõem e se escondem atrás de um monitor.

---

<sup>3</sup> **On line** tem direção geral de Gilberto Perin, direção de Cristiano Treinm direção de arte de Ira Ferreira, roteiros de Kariany Pinho. Fotografia de Pablo CHasseraux e direção de produção de Ismael Moraes e Josué Cunha. No elenco, os adolescentes Marcela Hoepfers, Andressa Giroto e o ator-mirim Caio Pereira. Também estão na trama Cris Pereira, Miriã Possani, Fernanda Moro e Patsy Cecato. No último programa, a participação especial de Pedro Tergolina (do filme *Antes que o mundo acabe*). Realização da RBS TV.

**Sinopses dos programas**

**Tudo por uma conexão (15.05.2010)**

O primeiro episódio da série apresenta Bianca (Bih), interpretada pela atriz Marcela Hoepfers e sua melhor amiga, Gica, representada pela atriz Andressa Giroto, vivenciando uma espécie de crise de abstinência virtual. Na impossibilidade de conseguir acessar a rede, elas se dão conta de como são dependentes, e sonham com um mundo onde a web seja tão acessível quanto um telefone público. Mas será mesmo que a internet facilita tudo? Entre emails e emoticons, Bianca percebe que estar on line também pode ser sinônimo de desconectar-se.

**CTRL + C, CTRL + V (22.05.2010)**

O segundo episódio centra-se na internetmania. Antenada, descolada, super in, high tech até de pijamas. Bianca é do tipo que liga o computador antes de escovar os dentes. Depois de passar os limites no tempo de permanência on line, ela fica com a barra suja com o pai, Vinicius, interpretado pelo ator Cris Pereira. E a situação piora ainda mais quando um trabalho plagiado resulta em um zero na escola. Em meio a tudo isso, Bih recebe o email de um admirador secreto que ela não faz ideia de quem seja. Será que o google ajuda a resolver tudo isso?

**Uma web cam entre nós (29.05.2010)**

O terceiro episódio tem como temática central as vantagens da internet e os benefícios que ela possibilita.

Filha de pais separados, é através da web que Bianca mata a saudade da mãe (Malu), interpretada pela atriz Fernanda Moro que mora em Buenos Aires. Na ausência de Malu, Bianca vence a implicância com a namorada do pai, a jovem Lia (Miriã Possani), e se dá conta que mesmo uma garota moderninha com ela pode ter preconceitos. O convívio diário com a avó Bertília (Patsy Cecato), que teria tudo para ser um abismo entre gerações, se revela hilário, afetuoso e enriquecedor para ambas. A avó *analógica* descobre que um modem pode ajudá-la em coisas que nem imaginava, enquanto a neta *nerd*, chega a ter saudades do que nem viveu, como a época em que as cartas substituíam o email.

**Quando o windows fecha portas (05.06.2010)**

O último episódio da série constrói sua narrativa em cima das tentativas de Bianca de limpar a barra com o pai. Bianca se esforça para ficar menos tempo na internet, mas seus hábitos on line pode voltar a complicá-la na escola. Com excelente proficiência em “internetês”, ela dá um nó na cabeça dos professores. As voltas com as provocações do irmão Pepe, interpretado pelo ator mirim Caio Pereira, em plena mesa do jantar, Bianca é submetida a um teste que confirma seu vício pela internet. E seu coração também está on line. Depois de receber um email e um presente instigante do admirador secreto, tudo que ela quer é revirar a web atrás de uma pista sobre esse mistério, mas talvez nem precise ir muito longe para desvendá-lo.



No primeiro episódio, Bianca (Bih) e sua melhor amiga, Gica, sentem na pele uma espécie de *crise de abstinência virtual*, pois ficam impossibilitadas de conseguirem a impossibilidade de se conseguir acessar a rede. Dando-se conta de sua dependência, passam a sonhar com um mundo onde a web seja tão acessível quanto um telefone público, por acreditarem que a internet facilita tudo, percebendo no decorrer do episódio, que estar on line também pode ser sinônimo de desconexão.

Embora a temática do seriado seja o mundo virtual e suas interferências nas relações familiares, profissionais, sociais, não é meramente por sua temática que o programa é objeto desta reflexão. O que aqui interessa examinar são as relações materiais de **On line** com outras plataformas midiáticas, ou seja, as formas como a série expressa essas convergências midiáticas, as estratégias a que recorre para atualizá-las no produto televisual em análise, e a interferências da interação com essas plataformas sobre a gramática do televisual.

### **3 Do percurso a considerar**

O presente trabalho toma como referência uma produção ficcional da RBS TV, do subgênero sitcom, **On line**, com vistas a examinar, em particular, o percurso de convergência, ou seja, de interação com outras mídias/plataformas, manifesto nos quatro episódios do programa.

O processo comunicativo midiático comporta instâncias de produção e recepção, com seus respectivos entornos e contextos; o próprio produto-mensagem; as linguagens empregadas para sua expressão e os meios técnicos de produção, circulação e consumo desses produtos, que funcionam como linguagens sobredeterminando as demais. Nesse contexto, plataforma midiática é a designação utilizada para referir o conjunto de dispositivos mobilizados por um processo comunicativo midiático, responsável pela visibilização/exibição de seus produtos.

Assim, convergência midiática consiste na convocação de diferentes mídias/plataformas para a produção, exibição e/ou recepção de um produto midiático.

Normalmente, esse processo de convergência, que envolve sempre transposição, apropriação de sentidos de conteúdo e expressão, é captaneado por uma das mídias que exerce preponderância sobre as demais, definindo as regras a partir das quais as outras mídias passam a interagir.

A convergência que interessa a este livro é aquela mobilizada por produtos televisuais.



Os textos televisuais - a par das relações internas, ligadas ao seu processo de discursivização, compreendendo as deliberações tomadas quanto ao modo de contar a narrativa - interagem com outros textos, tanto paradigmática como sintagmaticamente. São relações intertextuais e/ou metadiscursivas que, de uma lado, os ligam aos enquadramentos genéricos (gêneros e subgêneros); de outro, a textos que eles, de alguma forma, recuperam via transposição/apropriação de sentidos.

Essas apropriações de sentido podem ser de conteúdo e/ou de expressão. Assim, pode-se não só transpor o conteúdo de uma narrativa de uma linguagem para outra, como articular diferentes linguagens ou mesmo plataformas midiáticas para sua expressão.

O tipo de transposição/apropriação a ser aqui examinado diz respeito às interações entre diferentes processos midiáticos via recorrência a múltiplas plataformas para a expressão de um produto televisual, diluindo muitas vezes os limites entre elas.

Evidentemente esse procedimento de convergência midiática confere ainda maior complexidade aos textos televisuais que normalmente já se expressam através de diferentes linguagens sonoras e visuais, visto que a elas se somam outras tecnologias e contextos de produção e consumo, advindos da telefonia celular, da internet, entre outras. É preciso ter presente que os meios técnicos funcionam como linguagens que sobredeterminam o sonoro e o visual, interferindo fortemente na própria constituição da gramática do televisual. Daí por que a incorporação dessas novas plataformas, de suas ferramentas e suportes, passa a interferir diretamente na estruturação dos produtos televisuais, na construção de suas narrativas, na seleção das estratégias discursivas/mecanismos expressivos, empregados nesses textos.

Essa apropriação de estratégias e mecanismos de expressão, advindos de novas mídias e tecnologias, faz com que a gramática televisual esteja em permanente adaptação e construção.

Embora essas convergências midiáticas não sejam recentes - essa interação entre os recursos e propriedades de diferentes mídias sempre existiu -, hoje com o acréscimo de dispositivos advindos das novas tecnologias, ele vem ganhando contornos bem definidos. Claro está que esse movimento em direção à convergência é incentivado antes de tudo por aspectos econômicos, visto que atualmente as mídias estruturam-se sob a forma de grandes conglomerados de comunicação.

Nos produtos, as alterações provocadas por essa convergência dizem respeito: (1) à utilização simultânea de múltiplas ferramentas, como é o caso dos dispositivos que



hoje integram TV, rádio, telefonia móvel e internet; (2) à interferência de uma tecnologia exerce sobre o desenvolvimento da outra. Mais ainda, a convergência é um processo evolutivo que não só se propõe a integrar diversas tecnologias, como está atento ao surgimento de novas opções.

Nessa perspectiva, o surgimento de uma nova mídia é sempre desafiante e desestabilizador. Desafiante, na medida em que somente o seu uso pode fornecer o conhecimento de suas potencialidades, permitindo, com isso, a constituição de sua própria identidade e o estabelecimento dos contornos de sua própria gramática. Desestabilizador, porque se, a princípio, parte das normas e regras de outras mídias até encontrar seu próprio percurso, logo a seguir passa a fornecer estratégias e recursos que, então, são incorporados pelas outras mídias que a precederam.

Como vem-se enfatizando, esses processos de convergência intermediática fundam-se em procedimentos interativos de transposição e apropriação entre as mídias que não são novos: sempre aconteceram entre as mídias tradicionais - impressa, cinematográfica, radiofônica. Mas, atualmente, com o desenvolvimento tecnológico, essa interação de caráter transpositivo, apropriativo entre as mídias fica bastante facilitada. Assim, os produtos produzidos por uma mídia podem contar com essas tecnologias em seu processo de produção, serem exibidos em outras plataformas, bem como as convocar para fazerem parte de seu plano de expressão, manifestando-se formalmente nos produtos. Mais ainda, essa convergência de mídias/plataformas possibilita ao receptor diferentes formas de interação.

No caso específico da televisão, os produtos televisuais podem ser exibidos em outras plataformas - internet, celular -, como transpor essas mídias para o interior de seu texto: alguns programas chegam mesmo a propor alternativas de inserção de outras plataformas em sua própria trama. Evidentemente, os aspectos econômicos incentivam essa convergência das mídias e o fluxo de conteúdo entre os meios e as plataformas.

Os processos transpositivos de caráter transmidiático fundam-se na convergência e articulação entre mídias/plataformas, envolvendo a transposição, apropriação de técnicas de produção, de estratégias discursivas/mecanismos expressivos advindos de diferentes gramáticas. Mas, é preciso que se diga, eles são mobilizados por uma delas, que imprime suas normas gerais de funcionamento sobre o que está sendo produzido.

No caso de essa mobilização caber à televisão, distinguem-se, nessa convergência, movimentos de concentração e/ou expansão das narrativas. Dessa forma, a conexão que se estabelece entre texto televisual e outras mídias apresenta duas



variantes: (1) a inerência, na qual está em jogo a interização da relação entre o produto e a transposição/apropriação (interioridade vs exterioridade) das outras plataformas; (2) a aderência, na qual está em jogo não mais os limites do texto, mas o nível de contato da conexão entre o produto televisual e suas expansões. A inerência tem por base a concentração; a aderência, a intersecção e a expansão.

Quando os textos televisuais transpõem para o seu interior outras plataformas, se estabelece uma relação de inerência, da ordem da concentração; quando eles se desdobram, dando origem a novos textos, apresentados por outras plataformas, contrai-se uma relação de aderência, da ordem da expansão.

#### 4 Da análise

O programa **On line** é um excelente exemplo ilustrativo da questão mobilizadora do presente trabalho cujo propósito, para além de responder a algumas indagações que podem auxiliar na compreensão e caracterização da produção televisual de caráter regional, é redimensionar, do ponto de vista teórico, o conceito de convergência midiática, envolvendo as relações interativas contraídas pela televisão com outras mídias/plataformas. O objetivo é saber como se dá, nesses processos interativos, a transposição/apropriação de estratégias discursivas/mecanismos expressivos próprios de outras mídias/plataformas quando o texto produzido é captaneado pela mídia televisão. Que alterações ocorrem nos textos televisuais quando da apropriação de estratégias discursivas/mecanismos expressivos advindos dessas outras mídias/plataformas?

**On line** é um produto televisual, um seriado do subgênero sitcom. **Isso quer dizer**, de antemão, que ele obedece ao princípio que rege a feitura de todos os produtos televisuais - a serialização; **isso quer dizer que**, como um seriado do tipo sitcom, ele se estrutura por episódios, com início, meio e fim, mantendo cenários (quarto de Bianca, cozinha do apartamento, sala de aula) e personagens fixos (Bianca, Gica, o pai, o irmão, a avó e a madrasta de Bianca, a mãe que mora longe, o namorado da amiga); **isso quer dizer que** fala do cotidiano, no caso, familiar, estudantil e afetivo de uma adolescente; **isso quer dizer que** se passa preferencialmente em um cenário fixo, correspondente à casa e, em particular, ao quarto da protagonista, embora também se vejam cenas ocorridas no colégio Anchieta, em sala de aula e no Parcão.

A temática central, como já se ressaltou, é a influência do mundo virtual na vida contemporânea dos adolescentes. Em que pese o tom de humor, ludicidade e leveza próprio de um sitcom, o seriado a eles agrega um tom pedagógico que alerta para as potencialidades e perigos desse mundo virtual.



A relação de **On line** com mídias/plataformas internet manifesta-se fortemente através de uma série de estratégias discursivas e mecanismos expressivos, tais como:

(1) a transposição do mundo virtual - telas de computador, twitter, google, MSN, blogs - para o produto televisual, até mesmo com indicações pedagógicas sobre sua utilização: as conversas de Bianca com sua mãe se dão via chamada de vídeo no MSN, até muitos dos papos com sua melhor amiga ocorrem via MSN; outro exemplo é a colega cuja intimidade foi revelada virtualmente. Essa relação manifesta-se formalmente através da composição do cenário, no qual o computador está sempre presente.

(2) a transposição da linguagem do mundo virtual para o programa: toda a gíria de computador e internet é transposta para o seriado, algumas vezes de forma pedagógica. Há, inclusive, a adaptação de ditos e provérbios para a linguagem virtual (*Tu é muito giga pro hdzinho dele; Quem nunca caiu na tentação do CTRL+C, CTRL+V que atire o primeiro mouse; Amigas, amigas; senhas à parte; O cachorrinho tem gmail?; No my space ou no seu?; Quando Deus te desenhou, ele tava no photoshop; Não precisa falar no CAPSLOCK comigo!; Tu é muito CTRL C, hein; Me dá um F5; Me apaixonei por um caráter embelezado no photoshop, Bih!; Ai, minha senhora da conexão banda larga!; Tô bege, tô sépia*).

(3) a caracterização dos personagens via imagens exibidas pela tela do computador e relações com o mundo virtual. Há personagens como a mãe da protagonista, com as quais o telespectador só toma contato via tela do computador; outros ainda tem sua personalidade evidenciada dessa forma: há takes, presentes em grande número nas cenas, com imagens direto da tela do computador; há o blog da protagonista, seu twitter, messenger. Tudo aparece na tela, com vistas à descrição do modo de ser das personagens.

(4) a transposição para a imagem da televisão das características da imagem da web. Um exemplo disso é a tomada de imagens frontais, um pouco deslocadas para cima, de modo a parecer que estão sendo geradas da web cam dos personagens. Isso acontece muito nas cenas em que Bianca está sozinha, mas também ocorre quando a turma se reúne no quarto de Gica.

(5) andamento da narrativa em ritmo mais acelerado, graças à sua recorrência aos recursos do mundo virtual.

## **5 Dos apontamentos finais**





As relações de convergência de caráter transpositivo ocorridas no programa **On line** são da ordem da inerência, isto é, ficam concentradas no texto televisual. Com isso, se quer dizer que todas as convergências entre a televisão e as plataformas advindas do mundo virtual acontecem de forma concentrada no interior do programa televisual, submetendo-se ao comando das regras de estruturação da gramática dessa mídia.

Embora exista toda essa recorrência e transposição do universo virtual, a televisão continua ditando as normas. A única forma de transposição tipo aderência é o blog do programa, que, por sinal, não teve muita procura e participação.

As relações transpositivas de convergência com outras plataformas midiáticas contraídas pelos episódios do sitcom **On line** têm um caráter sintagmático, marcado pela precedência e atuação do televisual sobre as outras plataformas convocadas, uma vez que é o texto televisual que serve de suporte para a interação com as outras plataformas transpostas.

Nessa direção, é preciso ter presente que o sentido, recorte da forma sobre a substância, é ordenado, articulado e formado de modo diferente, dependendo da gramática que possibilita sua articulação, dos meios técnicos que presidem sua feitura, manifestação, exibição. Daí por que não se pode, pura e simplesmente, tentar transpor formas de expressão de outras mídias/plataformas para um programa televisual sem levar em conta as suas especificidades. Por outro lado, essas outras mídias se pautam por gramáticas distintas, recorrem a diferentes substâncias para a sua expressão: a essas diferentes projeções da forma sobre a substância corresponde uma sintaxe de produção e compatibilização de recortes que dá conta da distribuição dos conteúdos, da articulação das diferentes linguagens convocadas por esses textos.

Mas o fato de se tratar de um produto televisual, faz com que seja ele quem dá as tintas, impõe sua gramática.

## **Referências bibliográficas**

BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Difel, 1982.

BAUDRILLARD, Jean. **A arte da desapareição**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

BAUDRILLARD, Jean. **Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BORDOUN, Jérôme; JOST, François, org. **Médias recherches: penser la télévision. Actes du colloque de Cerisy**. Paris: Nathan, 1998.



- BUONANNO, Milly. **El drama televisivo: identidad y contenidos sociales**. Barcelona: Gedisa, 1999.
- CALABRESE, Omar. **A idade neobarroca**. Lisboa: Edições 70, 1987.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Le discours d'information médiatique: la construction du miroir social**. Paris: Nathan, 1997.
- DICIONÁRIO da TV Globo. v.1: Programas de dramaturgia e entretenimento. / Projeto Memória das Organizações Globo. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- DUARTE, E. B.; CASTRO, M. L. D. orgs. **Comunicação audiovisual: gêneros e formatos**. Porto Alegre: Sulina, 2007. Col. Estudos sobre o audiovisual.
- DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de, orgs. **Em torno das mídias: práticas e ambiências**. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- DUARTE, Elizabeth Bastos. **Subgêneros televisuais: entre formatos e tons**. Col. Estudos sobre o audiovisual. Porto Alegre: Sulina, 2009 (no prelo).
- DUARTE, E. B.; CASTRO, M. L. D. orgs. **Televisão: entre o mercado e a academia II**. Porto Alegre: Sulina, 2007. Col. Estudos sobre o audiovisual.
- DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão: ensaios metodológicos**. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- ECO, Umberto. **Du superman au surhomme**. Paris: Grasset, 1993.
- FABBRI, Paolo. **El giro semiótico**. Madrid: Gedisa, 2000.
- FURQUIM, Fernanda. **Sitcoms: definição e história**. Porto Alegre: FCF, 1999.
- GREIMAS, A. J.; COURTÈS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1989.
- HJELMSLEV, Louis. **Ensayos lingüísticos**. Madrid: 1972.
- HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- JENNY, Laurent et alii. **Intertextualidade**. Coimbra: Almedina, 1979.
- JOST, François. **Comprendre la télévision**. Paris: Armand Colin, 2005.
- JOST, François. **Seis lições sobre televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- LACALLE, Maria R. La voz del espectador. **Telos**, 43, 1995.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac. 2000.
- VERON, E. **La semiosis social**. Barcelona: Gedisa, 1997.
- VERON, E. Semiosis de la mediatización. Rio de Janeiro: *Seminário Internacional Media and Social Perceptions*, 1998.